



Materiais arqueológicos do concelho de Lousada em depósito em museus portugueses

LUÍS SOUSA¹

¹ Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada.

RESUMO

A inexistência de um museu ou gabinete técnico em Lousada para servir de depósito e/ou exibição de coleções de arqueologia concorreu para que, entre meados do século XIX e meados do século XX, vários materiais arqueológicos saíssem do concelho rumo a museus portugueses. O presente texto inventaria o conjunto desses materiais de que há conhecimento, em depósito em sete instituições museológicas, e procede à apresentação das circunstâncias de aquisição. De igual modo, é desenvolvida uma breve caracterização crono-tipológica de cada objeto, por forma a ser compreendido o seu contexto no âmbito dos conhecimentos atuais sobre a ocupação humana revelada para a área de achado.

PALAVRAS-CHAVE

Lousada; materiais arqueológicos; museus portugueses.

ABSTRACT

The non-existence of a museum in Lousada to serve as a deposit and/or exhibition of archeology collections meant that, between the mid-19th century and the mid-20th century, various archaeological materials left the municipality and went to Portuguese museums. This text inventories the set of materials that are known to be deposited in seven museum institutions and presents the circumstances of their acquisition. Likewise, a brief chrono-typological characterization of each object is developed in order to understand its context within the scope of current knowledge about human occupation revealed for the find area.

KEYWORDS

Lousada; Archaeological materials; Portuguese museums.

1. Introdução

A centúria de 1800 imprimiu transformações de vária ordem na sociedade europeia. Colocando especial enfoque na vertente sociocultural, cabe atender sobre o plano de renovação pelo qual passou a arqueologia, que, ao longo da segunda metade do século XIX, se institucionaliza e se afirma como ciência autónoma. Portugal não fica de fora deste panorama, surgindo pelo país personalidades que vão marcar os primeiros passos da disciplina, entre os anos 70 do século XIX e os anos 20 do século XX (Jorge, 2002, p. 82). Esta conjuntura reverte-se a partir da década de 30, assistindo-se mesmo a uma certa introspeção da nossa arqueologia, que impossibilitava uma necessária abertura ao exterior como forma de renovação. Apenas pelas décadas de 60-70 do século XX, com o surgimento de uma nova corrente epistemológica, Portugal se desenraíza de um longo processo degenerativo. Ainda assim, durante o tempo que medeia entre meados do século XIX e o terceiro quartel do século XX, surgem no país importantes instituições museológicas com carácter regional e nacional, que se vão constituir como verdadeiros garantes da preservação da nossa memória coletiva. Entre outros, serão especialmente importantes para o Vale do Sousa o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, onde se encontram depositados diversos materiais arqueológicos, para ali levados pela mão dos seus respetivos fundadores, José Leite de Vasconcelos e Martins Sarmento.

Durante o período referido, a inexistência de um museu ou gabinete técnico no concelho Lousada para servir de exibição de coleções de arqueologia ou apenas para depósito de espólio possibilitou que vários materiais arqueológicos saíssem do concelho rumo a museus portugueses. O presente texto surge da vontade de ver inventariado o conjunto desses materiais de que há conhecimento, em depósito em sete instituições museológicas, e procede à apresentação das circunstâncias de aquisição. De igual modo, é desenvolvida uma breve caracterização crono-tipológica de cada objeto por forma a ser compreendido o seu contexto no âmbito dos conhecimentos atuais sobre a ocupação humana revelada para a área de achado. O espólio arqueológico lousadense identificado e elencado no presente ensaio encontra-se confiado às seguintes organizações museológicas: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (Amarante), Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães), Museu de Etnografia e História do Douro Litoral (Porto), Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, Museu Nacional Soares dos Reis (Porto) e Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). Em 2023, algumas destas instituições estiveram encerradas, pelo que não foram devidamente concretizados os estudos pretendidos. Contudo, retomaremos oportunamente a matéria.

2. Materiais arqueológicos do concelho de Lousada em depósito em museus portugueses

2.1. Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante

2.1.1. Manilhas usadas nas canalizações romanas

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, registado com o código MMASC175.

Cronologia: Época Romana.

Condições de aquisição: Oferta de Álvaro Pereira T. de Vasconcelos, em meados do século XX.

Descrição: Com o número geral de inventário MMASC175, seguido dos numerais 1 a 4, encontram-se depositados nesta organização museológica quatro tubos em cerâmica, referenciados como canalizações romanas. Três deles estão reduzidos a cerca de metade da sua dimensão total e tomam a forma de bocal, provido de anel para facilitar o encaixe e oferecer maior estanquicidade à sequência da tubulação. O comprimento destes tubos varia entre 30,4cm, 38,6cm e 43,7cm. O bocal, de lábio redondo, apresenta diâmetros entre 10cm, 10,3cm e 10,5cm. A espessura das paredes cifra-se entre 6mm e 7mm, espessamento igualmente verificado no anel de contenção. Apresentam superfícies



Figura 1. Conjunto de três tubos/*tubuli* cerâmicos. Quinta de Padrões, Meinedo.



Figura 2. Pormenor dos bocais dos *tubuli* cerâmicos. Quinta de Padrões, Meinedo.



Figura 3. Tubo cerâmico de grandes dimensões. Quinta de Padrões, Meinedo.

afagadas com aguada, de coloração bege-acastanhada, e cerne de tons alaranjados. O quarto tubo é de maiores proporções que os anteriores, com 63,3cm de comprimento, e encontra-se praticamente completo, com exceção de uma pequena falha no bordo do bocal e na parte oposta. Revela também anel de travamento do encaixe. Apresenta 12,2cm de diâmetro e 9mm de espessura no bocal e, respetivamente, 16,9cm e 1,6(1,8) cm na face contrária. O bordo do bocal tem gravada a marca digitada de um C com 3,4cm de altura. Caracteriza-se, genericamente, por possuir a superfície aguada e levemente afagada, de coloração bege/alaranjado-pálida, e cerne de tons rosados. Estamos, efetivamente, perante tubos (*tubuli*) ou canos cerâmicos romanos, material de



Figura 4. Pormenor do bocal fraturado da canalização cilíndrica do tubo cerâmico de grandes dimensões. Quinta de Padrões, Meinedo.



Figura 5. Detalhe da marca digitada de um C presente no bocal do tubo cerâmico de grandes dimensões. Quinta de Padrões, Meinedo.

construção de formato tendencialmente cilíndrico, ainda que as extremidades apresentem dimensões distintas para permitir que as peças possam ser acopladas entre si, tipo macho e fêmea (Teixeira, 2012, p. 45). Mercê da descontextualização, a função destes materiais não é aqui possível de determinar com precisão, mas, de acordo com os estudos realizados por Jorge Ribeiro (2010, p. 414) sobre contextos arqueológicos em Bracara Augusta, seriam empregues na condução de água, especialmente no escoamento de águas pluviais provenientes de telhados ou para fazer chegar a água a dependências domésticas ou agrárias.

Referências bibliográficas: Inédito.

2.1.2. Fragmento de vasilha romana

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, registado com o código MMASC189.

Cronologia: Séculos II a IV d.C.

Condições de aquisição: Oferta de Álvaro Pereira T. de Vasconcelos, em meados do século XX.

Descrição: Fragmento de jarro romano, composto por fundo, com 11,3cm de diâmetro, e cerca de um terço de pança, com 18,5cm de altura. As paredes têm espessamento médio de 4mm, compostas de pasta grosseira, de coloração bege, e superfícies rosadas. As paredes interiores revelam vincadas estrias digitadas, que apontam para o uso da roda de oleiro alta. Julgamos pertencer o fragmento a um jarro, porventura, formado por duas asas e bordo. De acordo com os estudos de Lino Dias (1997) para a cerâmica comum de Tongobriga, estaremos perante uma peça de cronologia romana, datável entre os séculos II e V d.C., integrável nas pastas e tipologias do Grupo 3A (Dias, 1997, pp. 244, 270; Delgado e Morais, 2009, p. 86).

Referências bibliográficas: Inédito.



Figura 6. Fragmento de jarro romano. Quinta de Padrões, Meinedo.

2.1.3. Caleira para levadas de água

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, registado com o código MMASC193.

Cronologia: Época Romana.

Condições de aquisição: Oferta de Álvaro Pereira T. de Vasconcelos, em meados do século XX.

Descrição: Canalização de perfil em U, mais larga na base (22,5cm) que no topo (20,2cm), com 73cm de comprimento e 17,2cm de altura. A espessura das paredes, ao nível do assentamento, ronda os 6cm, enquanto nos bordos a média é de 4,7cm. Cerne de coloração rosada e superfícies levemente regularizadas com espessa aguada, de tons róseo-acastanhados.

Referências bibliográficas: Inédito.



Figura 7. Canalização de perfil em U. Quinta de Padrões, Meinedo.

2.1.4. Fragmentos de tegulae

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, registado com o código MMASC197.

Cronologia: Época Romana.

Condições de aquisição: Oferta de Álvaro Pereira T. de Vasconcelos, em meados do século XX.

Descrição: Conjunto de fragmentos de telhas romanas, em número indeterminado. Devido às condições atuais de depósito, não foi possível o seu estudo.

Comentário: Os materiais em depósito no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso não se encontram diretamente marcados, pelo que é indicado o registo geral, que permite o seu reconhecimento no livro de registos dos objetos existentes na Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, com data de 29 de maio de 1964. Considerando que a entrada dos objetos se deveu a um depósito em data anterior, é crível que houvesse outro registo, sendo aquele livro de 1964 destinado a nele serem compiladas as muitas notas avulsas que iam chegando com as ofertas. É indicada a procedência de Meinedo, mas erroneamente colocam esta freguesia como pertencente a Penafiel, quando na realidade se trata de uma freguesia do concelho de Lousada.

O espólio, neste caso, inteiramente proveniente de Meinedo, encontra-se listado com os seguintes números de ordem e respetiva nota descritiva:

MMASC175 – Tipo de manilha usada nas canalizações romanas. Procedência: Meinedo – Penafiel

MMASC189 – Fragmento de uma grande vasilha romana. Procedência: Meinedo – Penafiel

MMASC193 – Caleira para levadas de água. Procedência: Meinedo – Penafiel

MMASC197 – Fragmentos de telhas romanas. Procedência: Meinedo – Penafiel

Estes materiais, particularmente os de construção, são uma relevante evidência dos sistemas de condução de água ou de esgotos existente na Época Romana em Meinedo, particularmente associados aos vestígios de um provável *uicus*, localizado num pequeno promontório que se revela sobre a margem esquerda do rio Sousa, particularmente na área conhecida por Quinta de Padrões. Dado tratar-se do principal foco de avultados achados arqueológicos romanos e alti-medievais ali reunidos, consideramos que os materiais arqueológicos em depósito no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso terão como proveniência mais que provável a referida propriedade. Embora não tivesse sido possível comprovar, é admissível que Álvaro Pereira T. de Vasconcelos fosse frequentador e próximo dos então titulares de Padrões, em meados do século XX.

Agradecemos ao Município de Amarante a permissão para acedermos aos materiais e ao arqueólogo da mesma edilidade, Daniel Ribeiro, pela disponibilidade e indispensáveis condições que facultou para que fosse possível o devido estudo do espólio arqueológico de Lousada em depósito no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.

Referências bibliográficas: Inédito.

2.2. Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

2.2.1. Bloco granítico com epitáfio

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, com o número de inventário SMS/0063.

Cronologia: Séculos I-II d.C.

Condições de aquisição: Oferta de José Falcão de Magalhães, em 1895.

Descrição: Bloco granítico de grão fino, sem qualquer motivo decorativo, de formato retangular (43cmx98cmx38cm), com epitáfio latino composto por quatro regras, cuja altura das letras é, em média, de 7cm. Aparenta estar truncado do lado direito e acha-se partido também o canto superior esquerdo.

Leitura:

Quintius [..]M[.]

sibi [et]?

Arruntiae-u(xori)



Figura 8. Silhar com epitáfio de Quintius. Quinta de Padrões, Meinedo.

H(ic)·S(itus)·E(st)·S(it)·T(ibi)·T(erra)·L(euis)

Tradução: Aqui jaz Quíncio [...]M[.] filho de Arrúncia. Que a terra te seja leve.

Comentário: Sarmento legou a primeira notícia a este achado numa carta dirigida a E. Hübner, em 14 de fevereiro de 1856. Erroneamente, o aparecimento deste epitáfio esteve atribuído ao lugar do Senhor do Padrão, em Santo Estêvão de Barrosas (Guimarães, 1901, pp. 38-72). Todavia, na missiva acima referida, Sarmento esclarece que o achado ocorreu “no lugar do Padrão, freguesia de Meinedo, e perto do apeadeiro chamado também de Meinedo, na linha-férrea do Douro” (Cardoso, 1947, p. 253).

O aparecimento deste epitáfio próximo do apeadeiro de Meinedo, a par de informações colhidas localmente, que dão conta do aparecimento de outros suportes com carácter funerário nos campos agrícolas próximos, permitem apontar a existência de uma necrópole romana nas imediações.

Entre o Castro de Meinedo e a Quinta de Padrões abundam os achados arqueológicos da Época Romana e Tardo-Romana (Pinto, 1992). Escavações arqueológicas realizadas em áreas próximas à igreja paroquial e junto ao campo de jogos de Meinedo permitiram atestar a ocupação romana na zona durante a segunda metade do século I d.C., e que ter-se-á seguramente prolongado até ao século IV-V d.C. A intensa ocupação romana que vem sendo confirmada em Meinedo parece indiciar estarmos perante um *vicus* (Pinto, 2008, pp. 56-60; Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, pp. 140-141).

Referências bibliográficas: DAI (1898, p. 400), Hübner (1892, n.º 155), Guimarães (1901, p. 67), Cardoso (1947, pp. 205, 253; 1972a; 1972b), Pinto (1992), Redentor (2017, p. 218).

2.2.2. Sarcófago monolítico 1 de Meinedo

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

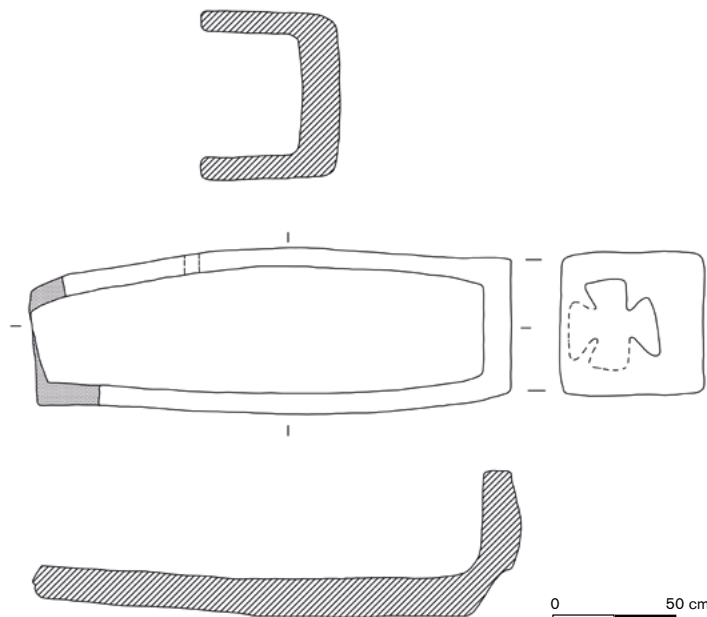
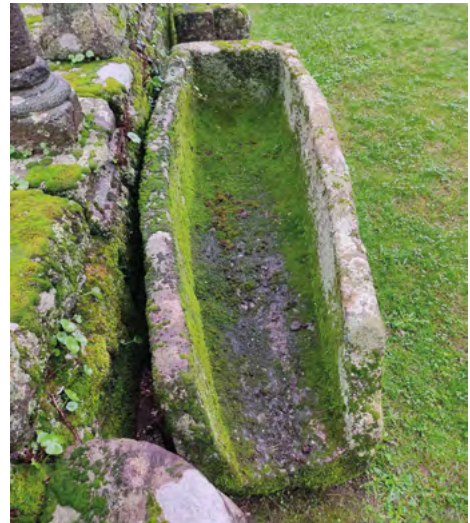
Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, com o número de inventário SMS/0127.

Cronologia: Século IX-XI.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Sarcófago monolítico, não antropomórfico, em granito de grão fino, de desenho trapezoidal, com 190cm de comprimento, 65cm de altura e 53cm de largura. As paredes laterais, com espessura média aproximada de 8cm, revelam leve arqueamento, destacando-se, no topo exterior da cabeceira, uma cruz relevada, conseguida pelo rebaixamento do contorno. Como se pode verificar pelo desenho apresentado, a cruz tem mutilados os braços esquerdo e superior. Em falta encontram-se as paredes que definiam o fecho do arcaz ao nível dos pés.

Referências bibliográficas: Sousa, Nunes e Gonçalves (2006), Nunes, Sousa e Gonçalves (2008, pp. 140-141).



Figuras 9 e 10. Fotografia e desenho do sarcófago monolítico 1. Quinta de Padrões, Meinedo.

2.2.3. Sarcófago monolítico 2 de Meinedo

Proveniência: Quinta de Padrões, Meinedo.

Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, com o código SMS/0128.

Cronologia: Séculos X-XI.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Arcaz monolítico de planta trapezoidal, de boas proporções (202cmx68cmx38cm). As paredes do sepulcro atingem, em média, os 11cm de espessura. O interior revela vincado antropomorfismo ao nível da cabeceira, em arco ultrapassado, ainda que as almofadas não toquem o fundo da caixa sepulcral. As faces exteriores do sarcófago são de pico grosseiro, lisas, sem qualquer motivo decorativo ou heráldico (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006, pp. 3-4). Do lado esquerdo encontra-se um orifício destinado à libertação dos fluídos resultantes da decomposição do corpo.

Comentário: No Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento encontram-se dois sarcófagos medievais, de distintas tipologias, recolhidos em Meinedo, e ali depositados com os números de inventário 127 e 128. Trata-se de sarcófagos de adultos, sem elementos heráldicos, sendo unicamente de salientar a presença de uma cruz latina no túmulo com o número de inventário 127, que se topa gravada no exterior da cabeceira.

Na magnetense Quinta de Padrões encontra-se um arcaz monolítico de antropomorfismo pouco pronunciado, de similar modelo e proporções dos antes descritos. Tanto este como os expostos em Guimarães terão sido deslocados da Igreja de Santa Maria de Meinedo, templo que revela elementos arquitetónicos, ainda que parcos e muito modificados, de uma primitiva construção medieval. Trabalhos de remodelação do edifício e intervenções na envolvente, porventura operados a partir do século XVI, mas seguramente durante os séculos XVII e XVIII, parecem atestar os motivos de os sarcófagos identificados terem sido transportados para a Quinta de Padrões, e daqui, em data desconhecida, levados para Guimarães.

Referências bibliográficas: Sousa, Nunes e Gonçalves (2006, pp. 3-4), Nunes, Sousa e Gonçalves (2008, pp. 140-141).

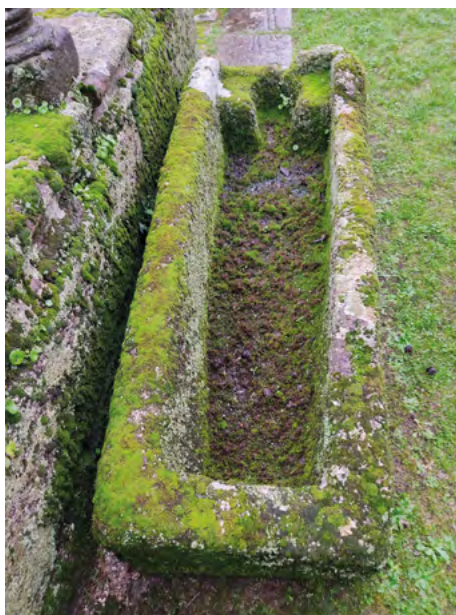


Figura 11. Sarcófago monolítico 2. Quinta de Padrões, Meinedo.

2.2.4. Cruz românica de Cernadelo

Proveniência: Casa do Casal, Cernadelo.

Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, com o código SMS/0206.

Cronologia: Baixa Idade Média.

Condições de aquisição: Oferta de Dr. Abílio Pacheco Teixeira Rebelo de Carvalho, em 1972.

Descrição: Cruz românica vazada, gravada em silhar granítico, de formato oitavado. Tem de altura 32cm, de largura 31cm e cerca de 11,5cm de profundidade.

Comentário: Mário Cardoso, no número 82 da *Revista de Guimarães*, editada em 1972, anota a entrada no museu, onde era então diretor, da oferta de “Uma cruz românica de pedra encontrada na freguesia de Sernadelo do concelho de Lousada” (Cardoso, 1972b, p. 313). Na mesma edição da *Revista de Guimarães*, no título “Boletim”, esta nota é reforçada, revelando-se aí “que, com data de 14 do corrente, foi recebida, com destino ao Museu, por oferta do Ex.mo Sr. Abílio Pacheco Rebelo de Carvalho, uma pequena cruz românica, de pedra, cimeira da demolida Igreja paroquial antiga, da freguesia de Sernadelo, concelho de Lousada, possivelmente, como diz o oferente, «única prova material, existente desse velho templo, que foi substituído por outro moderno»” (Cardoso, 1972a, p. 282). Este elemento escultórico deverá relacionar-se com a presença de um mosteiro na atual freguesia lousadense de Cernadelo, sob a invocação de São Pedro, aludido em 1059, no Doc. n.º 420 do *Diplomata et Chartae* (Cristiano e Silva, 2009, p. 2).

Referências bibliográficas: Cardoso (1972a, pp. 282; 1972b, p. 313), Cardoso e Silva (2009, pp. 1-4).



Figura 12. Cruz medieval do desaparecido Mosteiro de Cernadelo. Casa do Casal, Cernadelo.

2.2.5. Escultura de figura votiva

Proveniência: Casa do Casal, Cernadelo.

Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, com o código SMS/0200.

Cronologia: Séculos XVII/XVIII.

Condições de aquisição: Oferta do Dr. Abílio Pacheco Teixeira Rebelo de Carvalho, em 1971.

Descrição: Escultura de vulto, em posição orante, de granito, com 88cm de altura e 36cm de largura. De acordo com o inventário da Sociedade Martins Sarmento, trata-se de “busto de uma figura votiva, em granito, coberta com um manto e com as mãos em atitude orante ou segurando qualquer objecto mal definido. Tem um carácter rústico e grosseiro, parecendo ser imagem cristã”. Acrescenta ainda que “encontrava-se encimando o portal da Casa do Casal, no lugar de Sernadelo da região do Concelho de Lousada, distrito do Porto” (SMS, s.d.b).

Comentário: Em Cernadelo, concretamente na Casa do Casal, conservam-se presentemente algumas curiosidades escultóricas. O estudo “Notas para a história de Cernadelo”, realizado por Cristiano Cardoso e Elsa Silva (2009, pp. 1-4), discorre o essencial sobre esses elementos, revelando no mesmo ensaio tratar-se de esculturas com evidentes semelhanças com a peça de vulto depositada no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento. A figura, referenciada como proveniente do portal da Casa do Casal, apresenta-se numa posição algo contemplativa, num verdadeiro ato orante, sugerido pela junção das mãos apoiadas sobre o peito. Para Cardoso e Silva (2009, p. 3), este ato de oração está escultoricamente reforçado pela posição da imagem, que “parece estar inclinada ou até mesmo ajoelhada, demonstrando a sua fisionomia uma postura tímida”. O manto sobre as costas e as feições, bem como a própria configuração do cabelo, sugestionam estarmos perante uma escultura executada fora dos circuitos eruditos.

Referências bibliográficas: Cardoso (1971, p. 318), Cardoso e Silva (2009, pp. 1-4).



Figura 13. Escultura de vulto. Casa do Casal, Cernadelo.

2.2.6. Marco de propriedade da Ordem de Cristo

Proveniência: Casa do Casal, Cernadelo.

Depósito: Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, secção de escultura e epigrafia, com o número de inventário SMS/206.

Cronologia: 1721.

Condições de aquisição: Oferta de José Marques de Macedo, em 1931.

Descrição: Marco de delimitação, em granito, de desenho trapezoidal e perfil retangular, truncado pela metade inferior, com 32cm de largura por 47cm de altura. Possui gravada uma cruz da Ordem de Cristo, inserta em círculo rebaixado, com rebordo alteado. No terço superior, imediatamente acima da cruz, leem-se quatro numerais gravados que perfazem a data 1721.

Comentário: O marco de propriedade aludido e proveniente de Cernadelo encontra-se referenciado no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento como uma “cruz românica de pedra. Encontrada na freguesia de Sernadelo do concelho de Lousada. Oferta do Dr. Abílio Rebelo de Carvalho” (SMS, s.d.a). Trata-se, efetivamente, de um lapso; por certo, uma troca de anotações.

Ainda que sem datação inscrita, são conhecidos na freguesia de Cernadelo três marcos de tipologia semelhante, exibindo igualmente uma cruz da Ordem de Cristo, posto que de braços mais largos, inserta num rebordo circular rebaixado (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, pp. 103-105).

Estamos reconhecidos ao Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento por nos ter autorizado o acesso ao espólio arqueológico proveniente de Lousada e ali depositado, e, particularmente, agradecemos ao Gonçalo Cruz e à Patrícia Aguiar a total disponibilidade para facultar e facilitar o acesso aos dados sobre as peças analisadas.

Referências bibliográficas: Nunes, *et al.* (2007, pp. 49-51), Nunes, Sousa e Gonçalves (2008, pp. 103-105).



Figura 14. Marco da Ordem de Cristo. Casa do Casal, Cernadelo.

2.3. Museu de Etnografia e História do Douro Litoral / Direção Regional de Cultura do Norte – Casa de Ramalde, Porto

2.3.1. Laje sepulcral 1 de São Miguel

Proveniência: Igreja de São Miguel de Lousada.

Depósito: Museu de Etnografia e História do Douro Litoral / Casa de Ramalde / Dalmática – Conservação e Restauro.

Cronologia: Século XIII.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Laje sepulcral granítica de boas proporções, com 157cm de comprimento, 73,5cm de largura e cerca de 22cm de espessura. A face da tampa sepulcral, destinada a estar voltada para cima, revela um conjunto de toscos gravados em baixo-relevo.

A parte central é ocupada por uma composição que não é isenta de dúvidas, mas que pode ser interpretada como uma espada de ponta truncada, de lâmina larga, provida de pomo e escudo redondo, atributos de um cavaleiro. No topo esquerdo encontra-se um pentagrama, isto é, uma cruz de cinco pontas. De grande simbolismo, deverá, porventura, representar aqui as cinco chagas de Cristo. Do lado direito há um motivo que suscita muitas indecisões interpretativas. Nunes e Lemos (2022, p. 34) consideram-no “um artefacto, um provável arado”. Na base observam-se duas cruzes gregas. A da esquerda é simples, formada por dois braços que se entrecruzam; a da direita é igualmente simples, mas está inserta num círculo e os braços não se tocam.

Referências bibliográficas: Nunes e Lemos (2022, pp. 31-35).



Figura 15. Lajes sepulcrais 1 e 2 Igreja de São Miguel de Lousada nos jardins da Casa de Ramalde, Porto.

2.3.2. Laje sepulcral 2 de São Miguel

Proveniência: Igreja de São Miguel de Lousada.

Depósito: Museu de Etnografia e História do Douro Litoral / Casa de Ramalde / Dalmática – Conservação e Restauro.

Cronologia: Século XIII.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Laje com 103cm de comprimento, 62cm de largura e aproximadamente 43cm de espessura. Na zona da cabeceira observa-se uma cruz inserta num duplo círculo. A parte central da laje é ocupada por um antropomorfo de braços estendidos, segurando uma ferramenta de trabalho, talvez uma enxó. Mais abaixo vê-se uma outra ferramenta que representa um machado. Ambos os instrumentos aparecem aqui encaçados e sugerem tratar-se dos atributos da profissão de carpinteiro ou de um lenheiro. As figurações ocorrem gravadas em baixo-relevo.

Comentário: Fundado em 1945, o Museu de Etnografia e História do Douro Litoral manteve-se em funções até ao seu encerramento em 1992. Instalado na Casa de São João Novo, ao longo da sua existência ali foram sendo depositados os mais variados materiais, com distintas proveniências, ainda que algo centrado no distrito do Porto. É aqui que dão entrada, nos inícios da década de 70 do século XX, duas tampas sepulcrais graníticas oriundas da Igreja de São Miguel de Lousada. Abílio Miranda legou-nos um relato destas lajes sepulcrais em 1938. Nesta data diz encontrar-se encostada à parede sul do templo uma laje, por certo, a que aqui denominamos de laje sepulcral 1. Apesar de parcialmente encoberta, realça possuir gravada “uma circunferência que tinha dentro uma cruz formada por dois traços, com uns ornatos da parte inferior, tudo muito toscamente gravado” ([M.], 1938, p. 1). Mais tarde, haveria de referir-se a estas lajes sepulcrais Fernando Lanhas (1971, pp. 574-575), numa entrada na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, com o título “Lousada: Arqueologia”.

São desconhecidas as condições que conduziram ao depósito destas lajes sepulcrais no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral. Após o encerramento do museu, foram transportadas para a Casa de Ramalde, freguesia de Ramalde, concelho do Porto. Entretanto, no decorrer de 2023, o Município de Lousada solicitou à Direção Regional de Cultura do Norte a sua restituição ao concelho. De momento, acondicionadas nas instalações da Dalmática – Conservação e Restauro (Sousela, Lousada), está em preparação a colocação das mesmas no adro da Igreja de São Miguel, de onde saíram há cerca de meio século. São Miguel de Lousada surge referenciada, pela primeira vez, em meados do século XIII (ACL, 1897, p. 544), devendo ser desta centúria as lajes sepulcrais de São Miguel ou da que imediatamente lhe sucede.

Referências bibliográficas: [M.] (1938, p. 1), Nunes e Lemos (2022, pp. 31-35).

2.4. Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto

2.4.1. Potinho ou copo romano

Proveniência: Casa do Rio, Torno.

Depósito: Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, com o código UP-MHNFCP-082043.

Cronologia: Séculos IV-V d. C.

Condições de aquisição: Oferta, em 1926, de J. Sebastião M. Carvalho Matos Guimarães, à data, proprietário da Casa do Rio.

Descrição: Copo de paredes finas, de perfil ovoide e lábio arredondado para o exterior. Base plana, de desenho discoide. Revela pasta e paredes de coloração rósea e superfície levemente afagada. Na base, incerto em círculo, acha-se gravado um grafito com a configuração de um X. Esta peça encontra parentescos com a forma 3, tipo 1, do grupo 10B, definido por Lino Dias (1997, p. 277) para as cerâmicas comuns regionais de Tongobriga. Porém, no que respeita à pasta cerâmica, achamos aproximar-se da caracterizada pelo autor no grupo 6.



Figura 16. Fotografia e desenho de potinho. Casa do Rio, Torno (Nunes e Lemos, 2022, p. 109).

Comentário: Nas primeiras duas décadas do século XX, trabalhos de construção de um lago e de um jardim de estilo romântico nas imediações da Casa do Rio colocam a descoberto um interessante vasilhame romano composto por várias peças cerâmicas completas. O potinho ou copo em depósito no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto foi o primeiro dos achados a ser conhecido, sendo recentemente estudada cerca de uma dezena de outras peças completas (Nunes e Lemos, 2022,

pp. 99-109), igualmente de cronologia romana, à guarda dos atuais proprietários da Casa do Rio, uma relevante habitação histórica na freguesia lousadense do Torno. Tendo em conta a natureza do espólio, cronologia e estado de preservação, será de considerar estarmos em presença de uma necrópole romana, que encontrar-se-ia a curta distância de um traçado viário coevo que atravessaria então o Vale do Sousa pelos concelhos de Felgueiras, Lousada, Penafiel e Paredes.

Próximo das Casas do Rio e Porta, no Torno, dispersos à superfície dos caminhos e campos agrícolas, observam-se amiudadamente restos de tégula, devendo relacionar-se com um assentamento romano nas imediações. A curta distância deste local está Bacele, um morro de baixa altitude, no qual alguns investigadores colocam um povoado fortificado (Silva, 1986, p. 84; Sarmiento, 1989, p. 27; Pinto, 1995, pp. 265-283), porventura, um castro agrícola, que, num momento posterior, assistiu ao alargamento do seu perímetro de ocupação ao longo das margens da ribeira de Brolhões, dando lugar a um assentamento de tipo romano, casal ou *villa*, nas proximidades da Casa do Rio, de que os objetos acima descritos são a face mais visível.

Do contexto arqueológico relacionado com a construção do lago e jardim anteriormente aludidos, Joaquim Gaspar Ribeiro de Carvalho Guimarães terá, pelos anos 80 do século XX, oferecido objetos ao Museu Nacional Soares dos Reis (Porto). Todavia, desconhece-se em concreto a natureza dos mesmos por não ter sido, até ao momento, possível o seu estudo na instituição museológica na qual estão ao cuidado (Nunes e Lemos, 2022, p. 99).

Referências bibliográficas: Sousa (2007, p. 119), Nunes e Lemos (2022, pp. 99-109).

2.4.2. Fragmentos de cerâmica comum

Proveniência: Seara Velha, Vila Verde, Caíde de Rei.

Depósito: Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto.

Cronologia: Séculos III e IV d.C.

Descrição: Conjunto formado por 22 fragmentos cerâmicos, compondo-se de 15 bordos, dois fundos e cinco fragmentos de formas indeterminadas, com o código 27.06, seguido de sequência numérica (008, 011, 016, 018, 019, 021, 022, 023, 025, 026, 028, 029, 031, 033, 035, 043 e 046A+B). O desenho dos restos cerâmicos pertencentes a bordos e a fundos permitiu abeirar-nos de algumas formas, realçando-se do conjunto analisado a presença de *dolia*, potes, alguidares, bilhas e pratos.

Comentário: Na obra *O Minho Pittoresco*, de José Augusto Vieira, é relatado o aparecimento de sepulturas antigas, capitéis e objetos de cerâmica em Vila Verde, Caíde de Rei (Vieira, 1886-1887, p. 364). Mendes Pinto (1992) acrescenta que “pelos vestígios aqui aparecidos e pela localização do sítio”, existe a possibilidade de estarmos perante uma *villa* romana, cujo assentamento se terá, pelo menos, desenrolado ao longo dos séculos III e IV d.C.

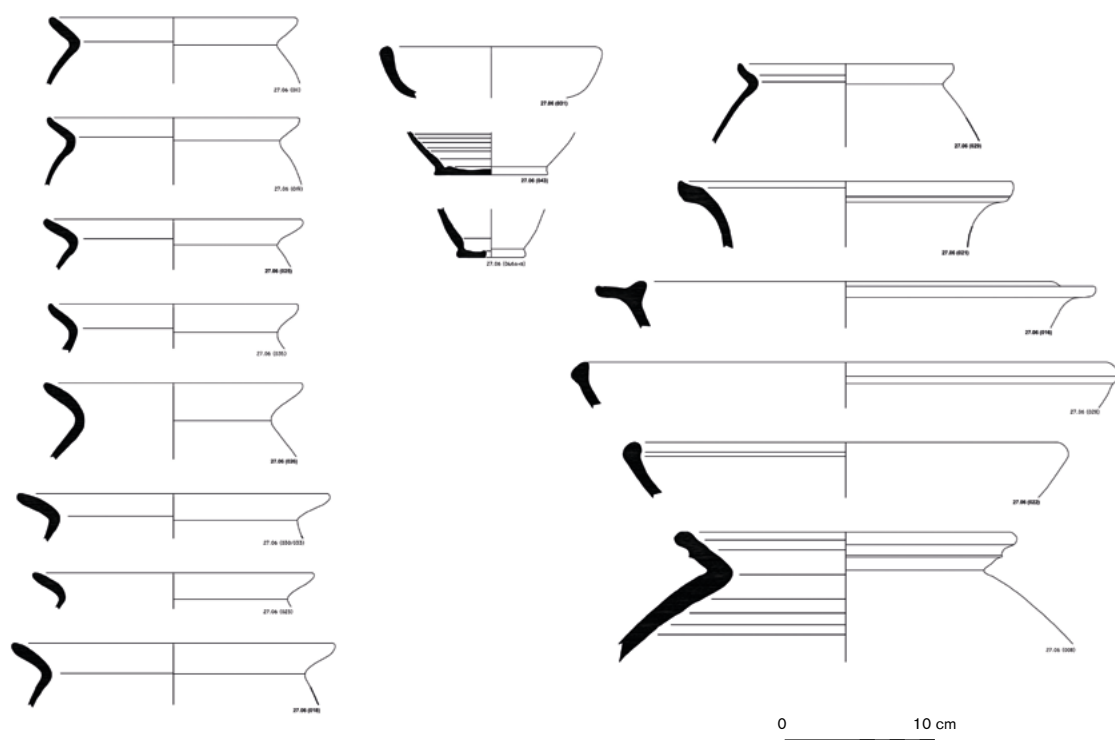


Figura 17. Fragmentos de cerâmica comum romana. Seara Velha, Calde de Rei.

Uma casa de lavoura há muito abandonada, conhecida por Seara Velha, integra a propriedade da Quinta de Vila Verde. De acordo com a nota que acompanha os materiais cerâmicos à guarda do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, os 22 fragmentos cerâmicos foram recolhidos na Seara Velha, facto que parece permitir colocar aqui, já na margem esquerda da ribeira de Caíde, a presença de uma necrópole.

Populares locais relatam que, pelas décadas de 50 e 60 do século passado, terão aparecido sepulturas nas proximidades da Seara Velha. Um breve périplo pelos campos, quando agricultados, revelou um considerável número de fragmentos de tégula e tijolos, o que corrobora os dados mencionados na bibliografia e as informações orais locais.

Referências bibliográficas: Sousa (2007).

2.5. Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto

2.5.1. Fragmento cerâmico de forma Drag. 37

Proveniência: Castro do Monte de São Domingos, Cristelos.

Depósito: Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto.

Cronologia: Primeira metade do século II d.C.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Fragmento cerâmico de *sigillata*, forma Drag. 37, moldado. Possui verniz brilhante, de cor avermelhada, de pasta dura e granulosa. A decoração é composta por métopas, limitada na parte superior por duas caneluras, às quais surge associada uma linha de óvulos. Estas características colocam o seu fabrico na Hispânia (Alarcão, 1958, pp. 262-264).

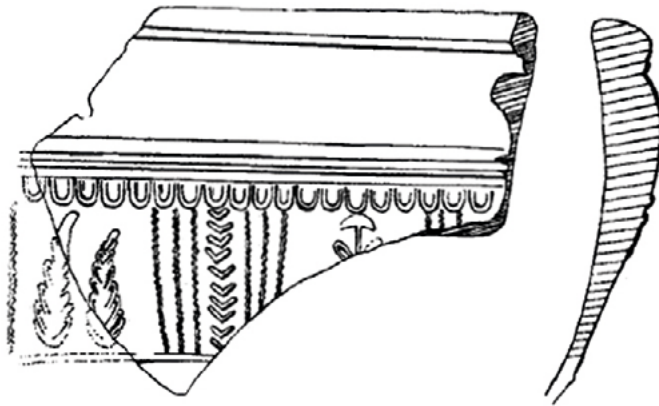


Figura 18. Fragmento de *sigillata*, forma Drag. 37. Castro do Monte de São Domingos, Cristelos (Alarcão, 1958, pp. 262-264).

Comentário: Sarmento, aquando de uma visita a Lousada, nos dias 22 e 23 de maio de 1880, sobe ao Monte de São Domingos, em Cristelos, e percorre o monte registando o que vê. A certa altura anota que “veem-se fragmentos de telha romana, e o mais curioso fragmento foi o de um fundo de louça vermelha, com uns restos de verniz” (Sarmento, 1999, p. 138), porventura, um pedaço de *sigillata*. Escavações ali desenvolvidas, desde 1994, têm revelado um reduto defensivo da Idade do Ferro e fortes indícios de Romanização, com uma ocupação que parece principiar pelo século IV a.C. e que se prolonga, pelo menos, até ao século V d.C. Sendo a *sigillata* um dos melhores indicadores da presença romana no povoado, permite compreender as ligações comerciais que com este foram estabelecidas. São Domingos é dos povoados fortificados de maiores dimensões no concelho de Lousada e o que possui o mais eficaz sistema defensivo. Usufrui de amplo domínio visual sobre a paisagem da bacia média do vale do rio Mezio.

Referências bibliográficas: Alarcão (1958, pp. 262-264), Sarmento (1999, p. 138).

2.5.2. Inscrição funerária de Guntina

Proveniência: Igreja de Santa Maria de Meinedo.

Depósito: Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, sem número.

Cronologia: Finais do século XI.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Lápide retangular, com 30cm de largura por 49cm de altura, de granito, em notório mau estado de conservação. A inscrição possui quatro regras, tendo as letras a seguinte altura média: L1 – 11cm; L2 – 5cm; L3 – 6cm; L4 – 4,5cm.

Leitura: E(ra) M [-] / GU[nt]I / NA IIUS / TA

Comentário: Apesar de mutilada e de ter sido picada, a inscrição possui características paleográficas que lhe revelam a cronologia. Mário Barroca observa desconhecer Guntina, a quem foi atribuído o epíteto de Justa, mas avança com a “possibilidade de se tratar da mãe de D. Guterre Mendes, D. Guntina Mendes” (Barroca, 2000, II, p. 131).

Referências bibliográficas: Barroca (2000, II, pp. 130-131).



Figura 19. Inscrição funerária de Guntina. Igreja de Meinedo (Barroca, 2000, vol. III, p. 315).

2.5.3. Inscrição funerária de Meinedo

Proveniência: Igreja de Santa Maria de Meinedo.

Depósito: Paradeiro desconhecido.

Cronologia: finais do século XI.

Condições de aquisição: Desconhecidas.

Descrição: Inscrição funerária fragmentada.

Leitura:

E·I·E [...]

BONA[...]

Comentário: No Museu Municipal de Penafiel conserva-se um registo fotográfico, de meados do século XX, deste epitáfio juntamente com a inscrição descrita anteriormente. Deduzimos que ambas as inscrições possam ter tomado o mesmo destino museológico

que a inscrição anterior. Todavia, não é possível ainda a sua afirmação, por ser desconhecido o seu paradeiro. Estas epígrafes estão associadas à Igreja de Santa Maria de Meinedo. Apesar de, no presente, o templo não ser revelador de elementos arquitetónicos que permitam tomar conhecimento da antiguidade fundacional, a cronologia apontada para esta lápide é um evidente indício de que a igreja já existia anteriormente à sua doação por D. Afonso Henriques à Sé do Porto, ocorrida em 1131.

Referências bibliográficas: Barroca (2000, II, p. 131).

2.6. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

2.6.1. Dois machados de cobre de Ronfe

Proveniência: Ronfe, Meinedo.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, com o número de inventário 17459.

Cronologia: Calcolítico Final/Bronze Antigo.

Condições de aquisição: José Leite de Vasconcelos (?). Não são conhecidas as datas de aquisição e de entrada no Museu Nacional de Arqueologia, sendo apontado o seu depósito por finais de 1920.

Descrição: Segundo nota de inventário do Museu Nacional de Arqueologia, estes machados foram adquiridos por compra a um ferreiro de Ronfe, Meinedo, Lousada. Tendo em conta os contactos e as visitas que realizava à região, consideramos possível a aquisição de ambos os machados por parte de José Leite de Vasconcelos.

Estamos perante dois machados planos de cobre, um denominado “pequeno” e o outro “plano”, produzidos pela técnica de molde, inserindo-se nos modelos tipo Montegudo I B2.

Machado pequeno: dimensões 71x28x5mm, peso 50g. (Comendador Rey, p. 173). Revela talão convexo, laterais retas e secção trapezoidal. Conservação geral boa, com pátina.

Machado plano: dimensões 174x48x15,5mm, peso 812g. (Comendador Rey, p. 174). Possui talão ligeiramente côncavo, as laterais retas e secção retangular. Estado geral de conservação bom, embora com marcas de corrosão. Apresenta alguns vestígios de uso.

Comentário: A natureza da aquisição junto de um ferreiro local não permite que sejam conhecidos os contextos e condições de achado dos machados descritos. Colocando o efetivo local de achado em Ronfe, Meinedo, confirma para a região um fenómeno de disseminação populacional já constatado para outros territórios do país. Beatriz Comendador Rey (1997), investigadora da Universidade de Santiago de Compostela, desenvolveu um sustentado estudo de investigação no âmbito da sua tese de doutoramento, concretamente centrado nas primeiras manifestações metalúrgicas no noroeste peninsular, devendo-se-lhe os mais extensos e completos apontamentos sobre os machados de bronze de Ronfe. Estes foram precedentemente referidos em idênticos estudos temáticos, mas merece relevo o ensaio desenvolvido por Susana O. Jorge



Figura 20. Machado de bronze. Ronfe, Meinedo (DGPC, s.d.).

(1986), que considera os machados recolhidos em Meinedo de filiação atlântica, definindo para o machado pequeno uma tipologia dentro do grupo IB2, com um balizamento cronológico entre 2500-2000 a.C., esclarecendo que o machado plano é do tipo 4B, com cronologias ligeiramente mais recentes, entre 2400-1800 a.C. (Jorge, 1986, pp. 867-868; Sousa, 2008, pp. 1-4).

Referências bibliográficas: Jorge (1986, pp. 867-868), Comendador Rey (1997, pp. 173-174), Sousa (2008, pp. 1-4).

1.7. Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

1.7.1. Estela funerária de Eira Vedra

Proveniência: Eira Vedra, Sousela.

Depósito: Museu Nacional Soares dos Reis, com o número de inventário 63LAP-CMP/MNSR.

Cronologia: Datável entre 201 e 270 d.C.

Condições de aquisição: Não são conhecidas as condições de aquisição.

Descrição: Estela funerária romana da mãe de *Septumanus*, em granito, com cerca de 117cm de altura, 58cm de largura e 30cm de espessura. Possui remate triangular, incompleto, onde está gravada uma ornamentação astral. Abaixo, o campo epigráfico surge envolvido por uma moldura, não estando fechada na parte inferior. Segundo Armando Redentor, a quem coube até agora realizar as mais completas considerações sobre esta estela, a cabeceira é formada por “par de crescentes incisos posicionado no eixo de simetria da face da estela. A incisão destes motivos é larga e profunda, tendo

maior expressão a do crescente inferior, que é, também, mais alto. Sobrepõem-se ao campo epigráfico, cuja molduragem apenas o enforma nos lados e em cima” (Redentor, 2017, p. 223).

Comentário: Eira Vedra é apontado como o local de achado desta estela dedicada à mãe de *Septumanus*. Trata-se de uma propriedade rural que se desenvolve na margem esquerda do rio Mezio, aproximadamente a 250m a sudeste da Igreja de Sousela. Em ambas as margens do Mezio, e numa dispersão de cerca de 0,9ha, observam-se restos de telha e cerâmica comum. Será de considerar, presumivelmente, procedente de Eira Vedra a ara romana guardada no interior da capela de Santo Estêvão, o que atesta a forte ocupação romana ao longo do Vale do Mezio.

Leitura:

D(is)·M(anibus)·s(acrum)

Septumanus

posiit

matri

Tradução: Consagrado aos deuses Manes. Septumano colocou à mãe.

Referências bibliográficas: Fortes (1905-1908, pp. 479-480), Pinto (1992), Pinto (1995, pp. 265-283), Nunes, Sousa e Gonçalves (2008, p. 205), Redentor (2017, p. 223).



Figura 21. Estela funerária. Eira Vedra, Sousela.

Referências bibliográficas

Fontes

ACL – Academia das Ciências de Lisboa, ed., 1897. *Portugaliae Monumenta Historica. A saeculo octavo post christum usque ad quintum decimum. Inquisitiones, Volvmen I: Fascicvli IV & V*. Lisboa: Typis Academicis.

Bibliografia

[M., A.], 1938. Lousada XIII. *Jornal de Lousada*. [em linha] 17 de dezembro, p. 1. Disponível em: <<https://arquivo.cm-lousada.pt/units-of-description/documents/48200/>> [Consult. 12 outubro 2023].

Alarcão, A. M., 1958. Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 68(3-4), pp. 249-315.

Barroca, M. J., 2000. *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422). Corpus Epigráfico Medieval Português. Vol. II e Vol. III*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cardoso, C., e Silva, E., 2009. Notas para a história de Cernadelo. Elementos escultóricos da Casa do Casal. *Revista Municipal* (Suplemento), 67, pp. 1-4.

Cardoso, M., 1971. Museu. *Revista de Guimarães*, 81(3-4), p. 318.

Cardoso, M., 1972a. Boletim. *Revista de Guimarães*, 82(3-4), pp. 269-299.

Cardoso, M., 1972b. Museu. *Revista de Guimarães*, 82(3-4), p. 313.

Comendador Rey, B., 1997. *Los inícios de la Metalurgia en el noroeste de la Península Ibérica*. Tese de doutoramento. Universidad de Santiago de Compostela.

DAI – Deutsches Archäologisches Institut, ed., 1898. *Ephemeris Epigraphica: Vol. VIII, fasc. 3. Corporis Inscriptionum Latinarum Supplementum*. Berlim: Deutsches Archäologisches Institut.

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural, [s.d.]. *FICHA DE INVENTÁRIO*. [imagem em linha] Direção-Geral do Património Cultural. Acessível em: <<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1119394>> [Consult. 25 setembro 2023].

Delgado, M., e Morais, R., 2009. *Guia das Cerâmicas de Produção Local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM.

Dias, L. A. T., 1997. *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.

Fortes, J., 1905-1908. *Analecta epigraphica – Inscrições funerarias. Portugalia*, vol. 2, fasc. 2, pp. 289-290.

Guimarães, J. G. O., 1901. Catálogo do Museu Arqueológico. *Revista de Guimarães*, 18(1-2), pp. 38-72.

Hübner, E., 1892. *Corpus Inscriptionum Latinarum: Vol. 2. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlim: Apud Georgium Reimerum.

Jorge, S. O., 1986. *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): bases para o conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénios aC. no Norte de Portugal. Volume I*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge, V. O., 2002. Megalitismo Europeu e Português: breves considerações históricas em jeito de balanço. *Arqueologia e História*, vol. 54, pp. 79-85.

Lanhas, F., 1971. Lousada: Arqueologia. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Volume 12*. Lisboa: Editorial Verbo.

Nunes, M., Cardoso, C., Sousa, L., e Gonçalves, C., 2007. Marcos de propriedade no concelho de Lousada: notas para a sua significação histórico-arqueológica. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 2, pp. 39-52.

Nunes, M., e Lemos, P., 2022. O inédito conjunto cerâmico romano da Casa do Rio (Torno, Lousada). Algumas considerações sobre um espólio ex situ. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 14, pp. 96-109.

Nunes, M., Sousa, L., e Gonçalves, C., 2008. *Carta arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Pinto, J. M. M., 1992. *Património Arqueológico de Lousada: Plano Director Municipal*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Pinto, J. M. M., 1995. "O povoamento da Bacia Superior do rio Sousa da Proto-História à Romanização". In: V. O. Jorge, coord., 1995. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. V*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. pp. 265-291.

Pinto, J. M. M., 2008. Do Castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-História e Romanização da bacia superior do rio Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, número especial, pp. 45-63.

Redentor, A., 2017. *A cultura epigráfica no Conventus Bracaravgstanvs (pars occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da Época Romana. Volume II*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro, J. M. P., 2010. *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias. Volume I*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.

Sarmiento, F. M., 1999. *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia* (Leitura e organização de António Amaro das Neves). Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

Silva, A. C. F., 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SMS – Sociedade Martins Sarmiento, [s.d.a]. *Crus Românica*. [em linha]. Disponível em: <<https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/sms/item/36944>> [Consult. 22 outubro 2023].

SMS – Sociedade Martins Sarmiento, [s.d.a]. *Figura votiva*. [em linha]. Disponível em: <<https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/sms/item/37019>> [Consult. 22 outubro 2023].

Sousa, L., 2007. *Proto-história e época romana no concelho de Lousada: aplicação de um SIG na análise espacial em Arqueologia*. Seminário de projeto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sousa, L., 2008. O Calcolítico no concelho de Lousada: dois machados em cobre provenientes de Ronfe (Meinedo). *Revista Municipal* (Suplemento de Arqueologia), pp. 1-4.

Sousa, L., Nunes, M., e Gonçalves, C., 2006. Sarcófagos do concelho de Lousada: notas para um inventário. *Revista Municipal* (Suplemento), pp. 3-4.

Teixeira, H. M. L. T., 2012. *Sistemas de abastecimento e drenagem de água a Bracara Augusta: aquedutos, canalizações e cloacas*. Relatório de estágio. Braga: Universidade do Minho.

Vieira, J. A., 1886-1887. *O Minho Pittoresco. Volume II*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.